

REVISTA
DE
CULTURA
VISUAL

Sobre as visualidades urbanas

Ricardo Campos, Andrea Barbosa & Cornelia Eckert

A cidade é um universo que pode ser concebido a partir de diversos pontos de vista. É, desde logo, um território, com fronteiras formalmente definidas e com uma geografia que é ocupada por diferentes materialidades e seres (humanos e não-humanos). É, também, um universo social, na medida em que é habitada e vivida, ao longo do tempo, por diferentes pessoas e grupos sociais que vão produzindo a cidade. O espaço e o tempo são, assim, componentes da cidade que é fabricada em camadas, marcada pela permanente mudança da sua paisagem. Mas a cidade também é imaginário, é construída mentalmente não correspondendo necessariamente às suas configurações físicas concretas. Deste modo, a cidade imaginária é aquela que habita as nossas mentes mas, também, cada vez mais, aquela que se fabrica através dos circuitos digitais e dos ecrãs, com distintas conexões à realidade concreta que habitamos.

Estes são patamares diversos onde a cidade se pensa e se constrói enquanto realidade vivida por diferentes gerações, que se sucedem na trama de complexas experiências. A questão da visualidade merece ser pensada a partir destes múltiplos pontos de vista, procurando entender como a cidade se fabrica, mas também como é comunicada e entendida (Campos, Brighenti & Spinnelli, 2011; Barbosa, 2012). Não falamos de abstrações, mas situações muito concretas através das quais nós erigimos edifícios, viadutos, ruas e parques, uma extensa malha de equipamentos urbanos em que a vida quotidiana é praticada. Espaços vividos através os quais comunicamos, recorrendo a cartazes, ecrãs, graffiti, pixação, vitrines, sinalizações, etc. A visualidade é parte central deste contexto. Ela demarca e agencia diferentes cidades vividas, cidades sonhadas e cidades negadas (Barbosa, 2012). A visualidade tem uma componente funcional, mas igualmente política, estética e simbólica. Serve para ordenarmos o mundo e a sua paisagem, de acordo com modelos dominantes, que não deixam de ser desafiados. A visualidade remete para a forma como social e historicamente o olhar (ferramenta de



percepção) e o visível (percecionável) são construídos (Campos, 2013). Logo, trabalhar sobre as visualidades urbanas implica adotar este múltiplo sentido, analisando a forma como olhamos a cidade, mas também como esta se dá a ver. Mas implica também, pensar processos e atores sociais. Quem intervém no campo da visualidade, de que modo e com que intuito, são interrogações fulcrais. As questões do poder e da agência são, por isso, trazidas a debate, demonstrando que as relações no campo da visualidade são assimétricas. Logo, falar de visualidade é, também, pensar o domínio da invisibilidade (Campos, 2016), questionando porque certas pessoas, grupos ou ações permanecem na penumbra ou fora da vista.

Esta é uma matéria ainda mais complexa quanto, como vimos, a cidade não existe apenas no campo da materialidade, mas cada vez mais também num patamar chamado de virtual, em constante articulação com o mundo físico. Entre tantos outros, instrumentos como o *Google street view* permitem-nos navegar pelas cidades sem sair do nosso sofá. Mas nós também somos agentes ativos nesse processo. As selfies, os vídeos distribuídos através do *youtube*, entre muitos outros recursos e plataformas, são fragmentos da cidade e do nosso quotidiano. Ao colocarmos nas plataformas digitais imagens da nossa presença física na(s) cidade(s) estamos a criar meta-narrativas imagéticas sobre a cidade, que se reproduzem velozmente no ciberespaço, dando origem a outros cruzamentos de significado. A cidade é, por isso, também feita de *uploads, shares e likes*, numa nova gramática global.

Mas porquê centrar-nos na questão da visualidade? Não podemos ignorar que ver é algo inerente à forma como nos situamos na realidade concreta. Ver serve para nos orientarmos no mundo, mas também para comunicarmos com os outros e com tudo aquilo que nos rodeia. Tal como afirmava John Berger numa frase celebrizada: “a vista chega antes das palavras. A criança olha e vê antes de falar [...]. A vista é aquilo que estabelece o nosso lugar no mundo que nos rodeia.” (Berger, 1999: 11).

Podemos falar de uma condição urbana em que a visão e a imagem são protagonistas de destaque? A sua importância parece-nos evidente. Em primeiro lugar, porque, como diversos autores vêm apontando, nós vivemos numa sociedade ocularcêntrica (Synnott, 1992; Jencks, 1995; Classen, 1997). O que esta afirmação significa, de modo mais simplificado, é que a nossa sociedade tem vindo a privilegiar ao longo da história a visão como o mais poderoso dos sentidos humanos. Ou seja, apesar de a nossa experiência no mundo ser de natureza multissensorial, a cultura ocidental e urbana tem vindo lentamente a aperfeiçoar os mecanismos de percepção visual do mundo, em detrimento dos outros sentidos. Em segundo lugar e em estreita conexão com esta condição, está o facto de vivermos numa era onde a tecnologia tem um papel fundamental no nosso dia-a-dia. Se a tecnologização da sociedade é uma evidência, não podemos esquecer



a centralidade que a maquinaria ótica e visual assume. Mirzoeff afirma, por isso, que “a vida moderna desenrola-se no ecrã (...) a experiência humana é atualmente mais visual e visualizada do que alguma vez antes” (Mirzoeff, 1999, p.1). Nesta cultura altamente tecnológica, não somos apenas consumidores de media e de imagens, mas também criadores de conteúdos imagéticos e mediáticos (Burgess e Green, 2009). Como nos diz Muller (2008: 102), a produção (áudio)visual “privatizou-se enquanto a disseminação se globalizou”. Isto significa que o cidadão comum dispõe hoje de um conjunto de competências e tem acesso a um rol vasto de ferramentas que permitem uma maior produção e circulação de bens visuais. A cidade é, como afirmámos, frequentemente palco ou suporte para a produção de imagens contemporâneas.

A visualidade na cidade também nos endereça para questões de ordem política. Quem age na cidade compondo a sua paisagem, que intuítos e estratégias utiliza? As questões de poder têm sido debatidas no âmbito da produção e difusão de imagens, mas também na esfera do olhar e das relações assimétricas que o compõem. Os atores mais poderosos produzem paisagem, regulam-na e vigiam-na, impondo uma ordem visual e uma “geografia moral” (MacAuliffe, 2012) sobre a cidade que, apesar de naturalizada, é constantemente desafiada por um conjunto de múltiplos agentes. Como tal, a cidade também é palco de movimentos disruptivos, catalogados imediatamente pelos poderes e pela moral dominantes como perigosos, anómalos ou ilícitos.

Esta importante dimensão da vida humana, durante demasiado tempo desvalorizada pelas ciências sociais e humanas, tem atualmente despertado a atenção de investigadores de distintas áreas académicas. Hoje encontramos diversas pesquisas que se focam sobre as imagens e a experiência visual urbana, sobre a forma como produzimos e consumimos imagens. Neste âmbito o espectro analítico e metodológico tem vindo a alargar-se. Recorrendo à etnografia visual, ao uso da fotografia, do vídeo, à ilustração ou hipermédia, vários são os procedimentos utilizados, que trabalham em aliança com as técnicas e metodologias mais convencionais.

Os organizadores do dossiê assumem esta forte ligação à imagem, quer enquanto objeto de estudo, quer enquanto dispositivo epistemológico, no campo das ciências sociais. Neste contexto é de destacar a relevância da antropologia visual, um campo específico da disciplina antropológica que, há décadas, vem promovendo um forte debate em torno destas questões (Eckert & Monte-Mór, 1999; Barbosa & Cunha, 2006; Barbosa, Cunha & Hikiji, 2009; Barbosa, Cunha, Hikiji & Novaes, 2016). É significativo o património etnográfico que a antropologia brasileira e a antropologia portuguesa hoje apresentam para a comunidade internacional, tendo por base a produção audiovisual em contextos urbanos. Não apenas como instrumentos de coleta de dados, mas em



especial como referentes epistemológicos na reflexão sobre o lugar da imagem e da imaginação nas múltiplas formas de redes e de interações sociais.

Motivados em divulgar estas experiências de pesquisa que tematizam as visualidades urbanas, este dossiê testemunha uma profícua troca intelectual luso-brasileira. Daí que seja de destacar a forte presença neste dossiê de contributos de autores provenientes de instituições académicas brasileiras, revelando a intensa produção que se vem desenvolvendo neste país, ao nível das temáticas relacionadas com a imagem e as tecnologias visuais na pesquisa social. Neste volume trazemos contributos que configuram este movimento contemporâneo. Ora refletindo sobre o campo imagético no viver urbano, ora considerando a reverberação das tecnologias digitais nas práticas quotidianas.

Com este dossiê da Vista - revista de cultura visual - procurámos explorar esta dimensão específica da experiência urbana. Reunimos um total de nove artigos e dois ensaios visuais que nos trazem uma grande diversidade de ângulos e de pesquisas revelando que, de facto, este é um campo complexo.

O dossiê abre com um artigo que propõe discutir o espaço público urbano como um território para o exercício da ação política. Kando Fukushima e Marilda Queluz, no seu artigo “Produção do espaço e resistência: uma reflexão sobre cartazes de contestação”, trazem a debate as apropriações dos espaços públicos urbanos em duas cidades brasileiras (Curitiba-PR e São Paulo-SP), para a distribuição de cartazes de contestação política. A partir de uma pesquisa realizada pelos autores, é evidenciado o carácter informal, inusitado e contemporâneo destas formas de expressão que revelam resistência e criatividade no uso da rua e dos seus dispositivos. Aquilo que os autores nos demonstram é que a participação política também se realiza nestes contextos, sendo que a imagem e a comunicação visual na rua podem assumir um papel muito relevante nos variados combates ideológicos em curso.

No artigo “L’expérience de la flânerie dans Les mains négatives (1979), de Marguerite Duras” a autora Luciene Guimarães de Oliveira nos convida a rever ou conhecer a curta metragem citada no título. O espectador é seduzido para uma *flânerie* na cidade de Paris guiada pela poética durassiana. A cidade moderna se revela em suas passagens e fragmentos pela arte do cinema emergente, produto técnico desta modernidade. A poética de Duras, recitada em *off*, produz um arranjo complexo da estética cidadina pela câmara em travelling, testemunha de uma nova rítmica temporal descontínua. A narração assimétrica, fragmentada, favorece a abertura do significado e assume, segundo Duras, o papel do livro, espaço que deve ser preenchido pela imaginação do leitor, para ver mais do que é representado na tela, orienta a autora.



“Ningún pibe nace chorro” de Andrea Molfetta traz uma breve etnografia dos atores, práticas e processos do Centro de Producción Audivisual de la Casona de Florencio Varela, situado na região metropolitana de Buenos Aires, Argentina. A autora analisa o discurso contruído pelos jovens nas suas curta-metragens sobre as representações que a televisão difunde sobre as suas vidas enquanto habitantes da periferia de Buenos Aires. O argumento da autora é de que as práticas enunciativas do cinema comunitário realizado por esses jovens é uma resposta ao discurso hegemónico que os estigmatiza. O discurso agenciado nesses filmes é reflexivo, meta-mediático e trans-mídia no seu sentido político, porque cria a possibilidade de uma visualidade comunitária própria, na qual os jovens vinculam-se para construir e sonhar saídas para tudo aquilo de que não gostam em suas vidas quotidianas. No final a autora realiza uma breve análise de duas curta-metragens produzidos neste contexto numa narrativa que enfrenta a narrativa televisiva o que possibilita abrir outras possibilidades para a estigmatização, afinal “Ningún pibe nace chorro” (nenhuma criança nasce ladrão).

O crescimento exponencial da produção fotográfica vem gerando forte impacto na veiculação da imagem cultural das cidades contemporâneas, especialmente quando colocamos em discussão o género fotográfico *selfie*. “Fotografia Selfie em festivais: Experiência cultural como dispositivo para a nova imagem urbana” de Paulo Nunes, propõe uma discussão sobre a revitalização da imagem urbana pela cultura e o papel ocupado pela fotografia neste processo. Os usos sociais da imagem fotográfica, tão comuns no quotidiano das redes sociais, têm deslocado a produção da identidade da cidade para o âmbito da experiência. A partir da interação entre público e lugar (fotografia e vídeo), criam-se espaços físicos simulados, interferindo na estrutura das cidades em larga medida pela ordem imagética. O argumento de que o dispositivo fotografia-memória-experiência, accionado durante as diversas práticas de consumo cultural urbano, modifica o modo como o sujeito vivencia a cidade e fornece uma retórica imaterial que a reconstrói, ressignificando sua imagem a cada *share* ou *like* conquistado nos canais virtuais.

Afirmámos que a cidade contemporânea não existe apenas enquanto território e materialidade. Cada vez mais ganha existência em écrans e circuitos desmaterializados, numa realidade híbrida que viaja entre o espaço “online-virtual” e o “offline-material”. O texto de Daniel Abath, intitulado “Visualidades sociotécnicas da cidade no jogo eletrónico Watch_Dogs”, visa precisamente discutir a influência dos jogos eletrónicos na construção sociotécnica das representações de cidades — em específico a cidade de Chicago. A proposta é a de refletir sobre os mecanismos geradores de uma experiência urbana virtual a partir de observações das cidades físicas. Aquilo que o autor demonstra é que as visualidades urbanas são delineadas e consumidas também em diferentes



plataformas tecnológicas e digitais, deste modo reinventando as nossas cidades e a nossa experiência urbana.

O artigo de Andreas Valentin, intitulado “Berlin<>Rio: trajetos e memórias”, tem por motivação a memória familiar restabelecida numa narrativa de imagens. A partir de uma estadia de estudo em Berlim, o autor retoma material fotográfico produzido por seu pai. Percorre os mesmos trajetos em busca de pistas, buscando desvendar, como diz o autor, camadas de memória que, direta ou indiretamente, dialogassem com sua ancestralidade. Contrapõe as fotografias tiradas por seu pai, com as suas, produzidas nesta revisitação aos lugares de memória. A história familiar relatada e vivida entre Berlim e Rio de Janeiro, para onde seus familiares migraram, revela um movimento migratório muito presente nas memórias familiares de brasileiros. O retorno a Berlim é também um projeto de pesquisa e de produção artísticas, exposta este ano no centro cultural Haus am Kleistpark, Berlim (exposição “Berlin<>Rio: Spuren und Erinnerungen”). A reminiscência, neste evento cultural, é testemunhada com outros documentos e a linhagem geracional se alonga na ascendência. O autor apresenta estas imagens e orienta o leitor sobre a produção técnica do material exposto.

Lindolfo Sancho no seu artigo “Antropologia no campo expandido: uma articulação entre espaço, paisagem e as artes no estudo da experiência urbana” parte da ideia de que fora dos museus e em interação com o espaço público, as artes se tornam objeto privilegiado de mediação da experiência urbana. Tendo essa experiência no horizonte, o artigo apresenta uma reflexão sobre duas intervenções realizadas por Gordon Matta-Clark nos *pieres* de Nova Iorque durante a década de 1970. Considerando as categorias de espaço e paisagem como ferramentas teóricas, a mobilização do espaço urbano pelas artes é considerada a partir da ideia de “campo expandido”, tal como proposto por Rosalind Krauss referindo-se a um momento histórico no qual as fronteiras entre as práticas artísticas foram flexibilizadas em uma série de práticas espaciais híbridas. A triangulação entre espaço, paisagem e arte, que trazem a experiência urbana como objeto de reflexão é abordada a partir da ideia de paisagem enquanto legado das artes a operar como mediador de uma experiência visual no espaço urbano.

Os dois contributos que encerram a secção de artigos deste dossiê remetem para uma temática que tem sido crescentemente abordada pela literatura em ciências sociais, nomeadamente no campo dos estudos urbanos. Referimo-nos ao graffiti e à arte urbana, elementos indissociáveis da paisagem urbana contemporânea. Jose Luis Junior, com o artigo intitulado “Quem sujou as mãos de tinta? Estética, gesto e matéria em intervenções artísticas urbanas”, leva-nos a pensar sobre as intervenções artísticas de rua na cidade de Porto Alegre, no sul do Brasil. Acompanhando um conjunto de artistas urbanos nesta cidade, a pesquisa etnográfica levada a cabo pelo autor permite-nos olhar



de forma original para estes agentes criativos e para o impacto que as suas obras têm na paisagem urbana. A cidade construída é, também, o resultado destes gestos mais ou menos informais, ou legais, realizados por artistas que pertencem a uma comunidade com fronteiras identitárias e simbólicas definidas.

Por seu turno, numa abordagem bem distinta, Rafael de Freitas, conduz-nos à maior metrópole da América do Sul, São Paulo. Através do seu artigo “Intervenções gráficas no espaço público urbano: uma abordagem antropológica da cidade de São Paulo”, o autor propõe-nos uma deambulação em torno de diferentes circuitos e paisagens urbanas, em diálogo com as múltiplas intervenções gráficas encontradas no espaço público. Graffiti e pixação são, entre outros, intervenções omnipresentes, confundindo-se com outras tantas matérias visíveis no edificado. Estas inscrições desvendam circuitos de mobilidade urbana e de pertença grupal, são formas de comunicação codificada que utilizam os recursos disponíveis na cidade para se tornarem visíveis e adquirirem vida. É impossível pensar a cidade de São Paulo sem a sua presença.

Ainda como parte do dossiê, apresentamos dois ensaios visuais. “Escenas de Cambuci” de Vivian Castro é parte de um projeto pessoal da autora ainda em curso sobre o bairro de Cambuci, São Paulo. Conhecido por ser um bairro histórico da cidade, Vivian oferece-nos uma narrativa livre a partir da sua própria experiência como moradora. Cenas quotidianas são observadas e registadas por meio de anotações textuais e fotografias realizadas com uma câmara analógica.

A segunda narrativa visual que trazemos resulta da experiência de pesquisa etnográfica desenvolvida pela equipe do Núcleo de Antropologia Visual do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. O exercício etnográfico coletivo realizado de abril a junho de 2017, abordou o tema da arte urbana na cidade de Porto Alegre (RS). O trabalho interpretativo das imagens produzidas foi orientado pela leitura e aprendizagem conceptual de obras de nove intelectuais com estudos sobre cidade e grupos urbanos. O material foi exposto de novembro de 2017 a janeiro de 2018 na Reitoria da UFRGS com o lançamento de um catálogo da exposição.

Referências Bibliográficas

Barbosa, A. (2012) *São Paulo Cidade Azul*. São Paulo: Alameda.

Barbosa, A. & Cunha, E. (2006), *Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Barbosa, A., Cunha, E. & Hikiji, R. (2009). *Imagem-Conhecimento. Antropologia, Cinema e Outros Diálogos*. Campinas: Papiurus.



Barbosa, A.; Cunha, E.; Hikiji, R. & Caiuby Novaes, S. (2016) *A Experiência da Imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome.

Berger, J. (1999) *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70

Burgess, J. & Green, J. (2009). *Youtube: online video and participatory culture*. Cambridge: Polity Press

Campos, R. (2016) Visibilidades e invisibilidades urbanas, *Revista de Ciências Sociais*, Vol 47, nº1: 49-76.

Campos, R. (2013) *Introdução à cultura visual. Abordagens e metodologias em ciências sociais*. Lisboa: Mundos Sociais.

Campos, R; Brighenti, A. & Spinelli, L. (Org.) (2011) *Uma cidade de Imagens. Produção e consumo visual em meio urbano*. Lisboa: Mundos Sociais.

Classen, C. (1997). Fundamentos de una antropología de los sentidos. *Revista Internacional de Ciencias Sociales (RICS)*, n.º 153.

Eckert, C. & Monte-mor, P. (orgs.) (1999). *Imagem em Foco. Novas Perspectivas em Antropologia*. Porto Alegre: Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

Jenks, C. (1995) *Visual Culture*, Londres e Nova Iorque: Routledge.

Mcauliffe, C. (2012) Graffiti or street art? Negotiating the moral geographies of the creative city. *Journal of urban affairs*, 34 (2), 189–206.

Mirzoeff, N. (1999) *An introduction to visual culture*, Londres e Nova Iorque: Routledge.

Muller, M. (2008). Visual competence: a new paradigm for studying visuals in the social sciences. *Visual Studies*, XXIII (2), 101-102.

Synnott, A. (1992) The eye and I: a sociology of sight. *International Journal of Politics, Culture and Society*, Vol 5, nº 4, 617-636.

Ricardo Campos é Doutorado em Antropologia Visual. É investigador integrado (Investigador FCT) no CICS.Nova (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas) e professor convidado no Mestrado em Relações Interculturais (Universidade Aberta). É membro fundador e coordenador da Rede Luso-Brasileira de pesquisa em Artes e Intervenções Urbanas (RAIU), coordenador adjunto do GT de Cultura Visual da SOPCOM (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação) e coeditor da revista internacional *Cadernos de Arte & Antropologia*. É autor das obras “Introdução à cultura Visual. Abordagens teóricas e metodológicas” (Mundos Sociais, 2013), “Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica ao graffiti urbano” (Fim de Século, 2010) e co-organizador dos livros “Uma cidade de Imagens” (Mundos Sociais, 2011), “Popular & Visual Culture: Design, Circulation and Consumption” (Cambridge Scholars Publishing, 2014) e “Transglobal Sounds. Music, indentity and migrant descendants” (Bloomsbury Academic Publishing, 2016).

✉ rmocampos@yahoo.com.br



Cornelia Eckert é graduada em História (1981, UFRGS, Brasil), Mestre em Antropologia Social (1985, UFRGS, Brasil) e Doutora em Antropologia Social (1992, Université Paris V, Sorbonne, França), com pós-doutorado no *Laboratoire d'Anthropologie Visuelle e Sonore du Monde Contemporaine na Université Paris VII* (2001), no Instituto de Estudos Latino-Americanos da Freie Universität Berlin Rüdeshheimer (2013) e na University of Georgia (2018). Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, IFCH, UFRGS. Pesquisadora CNPq, Bolsa Produtividade 1B. Coordena com Ana Luiza Carvalho da Rocha, o *Banco Projeto Imagem e Efeitos Visuais* (Laboratório de Antropologia Social) PPGAS, IFCH, UFRGS, em Porto Alegre, Brasil. Coordena o Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) (Laboratório de Antropologia Social) PPGAS, IFCH, UFRGS, em Porto Alegre, Brasil.

✉ chicaeckert@gmail.com

Andrea Barbosa é Professora de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais da UNIFESP-Universidade Federal de São Paulo. É mestre em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ, 1994) e doutora em Ciência Social (Antropologia Social/ Universidade de São Paulo, 2003). Coordena desde 2007 o VISURB- Grupo de Pesquisas Visuais e urbanas da UNIFESP. É pesquisadora do GRAVI-Grupo de antropologia visual da USP desde 1996 onde participou de três projetos temáticos. É autora dos livros “São Paulo Cidade Azul” (Alameda/FAPESP, 2012) e “Antropologia e Imagem” (Zahar, 2006). É organizadora e autora dos Livros “A Experiência da Imagem na Etnografia” (Terceiro Nome, 2016), “Ciências Sociais em Diálogo” (Ed. UNIFESP, 2014), “Imagem-conhecimento” (Papyrus, 2009), “Escrituras da Imagem” (EDUSP, 2004). É autora dos filmes *Pimentas nos Olhos* (2015), *Miriam Moreira Leite: Caminhos da Memória* (2007), *No canto dos Olhos* (2006), *Em(si) Mesma* (2006, Prêmio Associação dos Documentaristas do Rio de Janeiro), entre outros.

✉ acmmb66@gmail.com